

CRISE E CONDIÇÃO HUMANA¹

*Notas para uma análise das relações evolutivas
entre a Consciência e o Mundo*

Há um «acordo» entre o Homem e a realidade sempre que entre si e a sua circunstância existir um equilíbrio entre o experimentado, o percebido e a interpretação (formulada em termos explicativos) que propõe ou lhe é proposta. A noção de «crise» é, nos seus aspectos mais gerais, um desajustamento entre a totalidade da experiência e uma «teorização» incapaz de a unificar numa forma suficientemente clara. Este facto é uma das múltiplas manifestações da adjectividade da consciência, da sua impossibilidade de constituir a realidade. Tem perante ela um «real dado» e, ao aproximar-se dele em termos interpretativos, reconhece-se conhecendo, não em parâmetros absolutos, mas em moldes históricos (integradores do Tempo) e, portanto, relativos.

«A consciência pura é um nada, lança-nos para as pedras da rua!». Somos aquilo que vamos sendo, desen-

¹ Este estudo não pretende ser mais do que uma contribuição para aplicar a descrição Fenomenológica a um domínio extremamente ambíguo e problemático como é o caso da História Geral e da História da Arte. Conscientes desta séria dificuldade, mesmo assim arriscamos tal tentativa de análise que, quando muito, servirá para futuramente se constituir uma reflexão filosófica radicalmente fundamentadora sobre o tema que nos propomos tratar.

volvemo-nos como contingência, descobrimo-nos através das coisas e dos outros, experimentamo-nos indirectamente.

Ora, aquilo que vamos sendo, é, no fundo, um sistema de crenças, um conjunto de ideias e de imagens. O «real dado», para o homem, não é redutível ao exclusivo plano da experiência empírica, sendo apenas o somatório duma dupla natureza na qual se agrupam, quase indistintamente, as «coisas» e as «ideias» que sobre elas temos². O plano do «real dado» é, simultâneamente, de ordem natural e de ordem cultural, e a pressão do espírito objectivo (a Cultura) é sempre tão violenta que acabamos por confundir as coisas com as interpretações que sobre elas projectamos. Todavia, poder-se-ia dizer que a forma mais superior de apreender a realidade seria aquela em que, por hipótese, se constituísse uma coincidência entre a experiência tida pelos diferentes sujeitos ao nível perceptivo, a sistematização dessa experiência num plano cultural (as várias Ciências e a Filosofia) e um reportório de imagens plenamente adequado à interpretação proposta.

Esta perspectiva é inevitavelmente utópica e só se poderá propor como modelo ideal. Semelhante atitude só seria possível se o «real dado» se apresentasse em termos estáticos, segundo um processo a partir do qual cada problema resolvido significasse a aproximação desse estatuto «modelar» e não o amanhecer de novas questões que o disparam para as fronteiras do infinito, da mesma forma que nunca o horizonte se nos apresenta tão inatingível e distante como depois de conquistada a mais alta das montanhas! Em termos psicológicos, quase poderíamos dizer que, paradoxalmente, cada vitória conseguida tem o sabor duma dupla derrota...

Por outro lado, quanto mais científica e racional é uma explicação sobre a realidade, menos susceptível se torna de ser representada através de imagens que possam ser transmitidas em esquemas suficientemente claros para o

² Retomamos aqui a lúcida análise feita por E. Husserl nas páginas da «Filosofia como Ciência de Rigor». Cf. in «Filosofia como Ciência de Rigor», ed. Atlântica, Coimbra, 1965 — págs. 72-73.

comum dos homens, sempre desejoso de reduzir o «representável» ao «experimentável», de ter o mundo à escala das suas mãos. No labirinto sem Minotauro, entre a imensidão do deserto e a infinitude do mar, a consciência confronta-se com o desafio do abismo, como alguém que, pela primeira vez, se contempla ao espelho e vê, fora de si (com a implacável indiferença que assumem todas as coisas fora de nós...), um corpo que é o seu.

E o mais curioso é que todo o sentido do progresso na apreensão do real, em termos cognoscitivos e, portanto, predominantemente científicos, faz agravar a fenda existente entre o Sujeito como indivíduo e o mundo, pois quanto mais explicativa (logo, mais «geral») é uma teoria científica, maior é o afastamento do campo das possíveis experiências pessoais mais directas e inter-subjectivas³.

Brota então um «desacordo» entre o real percebido e a representação explicativa desse real de tal modo marcante, que acaba por levantar uma barreira quase insuperável para o comum dos mortais. Criam-se novos «ídolos», adorados sem compreensão, acabando por se delegar a função de pensar a realidade a uma «elite» constituída para esse fim — os investigadores, os técnicos, os cientistas, etc.

O «homem médio» deixa-se vencer sem ser convencido, remetendo para um «eles lá sabem...», a explicação dum real dado que já ultrapassou há muito a mais mediana escala humana⁴. Contudo, esta «fractura» não se dá exclu-

³ A fim de esclarecer um pouco melhor a afirmação feita, atente-se, por exemplo, na «cosmovisão» expressa por Copérnico. O heliocentrismo violenta a nossa experiência, exigindo-nos um esforço de correcção mental perante os dados da sensibilidade, pois, como observadores situados dentro dum «campo» (a Terra), quer queiramos, quer não, continuamos a «vêr» o Sol a «mover-se».

⁴ É o caso da interpretação proposta pela Teoria da Relatividade de A. Einstein. É extremamente difícil fazer compreender o Universo a partir desta «Teoria», a não ser através de procedimentos metafóricos, uma vez que a sua exposição mais exacta requer a utilização de uma linguagem matemática, realmente reservada a muito poucos, ainda que, potencialmente, acessível a toda a Razão.

sivamente no plano da interpretação explicativa (as várias Ciências), pois também na zona das representações imagéticas e, particularmente, no caso das várias Artes (basta entrar numa exposição de Arte contemporânea...) a contradição se agrava, já que o Universo por elas «recriado» está, na maior parte das vezes, completamente «afastado» das formas gerais de pensar e sentir do espectador mais desprevenido.

Porém, o que parece interessante notar é o facto de, à medida em que nos aproximamos das formas mais «originárias» da existência humana, quer sob o ponto de vista ontogenético (indivíduo), quer sob o filogenético (espécie), tal desacordo tender a diminuir, chegando mesmo em alguns casos limite a transfigurar-se num «todo» uniforme (concepções «animistas» e atitudes «pré-lógicas».

Abre-se, neste momento, uma possível via de investigação, isto é, uma tentativa de análise de alguns dos processos explicativos para a «fractura» já verificada.

A questão prévia que deveria ser levantada seria a do aparecimento e constituição da consciência e, portanto, do próprio Homem, juntamente com o amanhecer da Linguagem ou linguagens, entendidas como forma de objectivação sensível duma experiência interior⁵. Todavia, este problema de relevante importância arrastar-nos-ia inevitavelmente para um outro domínio e é, por si só, tema de uma futura reflexão⁶.

⁵ Este conceito de linguagem, como «objectivação sensível duma experiência interior», foi expressamente referido pelo Prof. Doutor Eduardo A. Soveral, durante o curso de Estética e Teorias da Arte proferido no ano lectivo de 1968/69.

⁶ Este problema leva-nos até à difícil questão da origem do mundo e ao plano das doutrinas evolucionistas, cientificamente constituídas a partir de Darwin. Gostaríamos de deixar aqui apontado, ainda que em linhas muito gerais, aquilo que nos parece ser a «dupla tentativa» do esquema evolutivo sob o ponto de vista biológico. Por um lado, um acentuar cada vez mais violento das particularidades genéticas, numa resposta biologicamente programada para o cumprimento de certas funções, perante a qual

Tanto quanto se sabe, a consciência aparece-nos historicamente no fundo da Noite, num tempo indiferenciado, tacteando o seu caminho através do «Homo faber», definindo-se mais claramente com o «Homo sapiens». Reconhecemo-la somente por vestígios, por testemunhos que remetemos para um Ser capaz de se «separar» do mundo que o rodeia, afirmando-se perante ele, imprimindo-lhe a sua marca.

Os primórdios do Homem são um imenso «puzlle» de milhares de peças de que só conhecemos uma pequeníssima percentagem, preenchendo os espaços vazios segundo esquemas mais ou menos explicativos e altamente arriscados. Perante esta busca do «tempo perdido», sentimos dificul-

não existe aperfeiçoamento possível, de tal modo que o «animal», mal nasce, está apto a inserir-se, sem mais, na comunidade de que faz parte. O «grupo» não tem qualquer importância, não existe «infância» como processo de aprendizagem — tudo está constituído monoliticamente, orientado em termos instintivos. Parece-me poder indicar como paradigmas desta grande linha evolutiva certos grupos de insectos, particularmente as abelhas.

Numa outra dimensão, tudo leva a crer que o segundo grande parâmetro da evolução se encaminha no sentido contrário (não contraditório) deste que acabamos de apontar. Será aquele que se desenvolve na linha dos mamíferos, implicando um sucessivo aumento da importância do grupo sobre o indivíduo em detrimento de uma exclusiva «programação» genético-hereditária. O sistema nervoso central vai adquirindo uma importância notável e a regra fundamental começa a ser a da adaptação do indivíduo a novas situações, através de comportamentos «inteligentes», isto é, capazes de «re-ajustar» inventivamente os elementos empíricos em função das necessidades. Será curioso anotar o facto do «Homo Faber» e do «Homo Sapiens» se encontrarem no cume deste parâmetro evolutivo, realizando em si, de uma forma declaradamente constitutiva e inovadora, um procedimento que tinha vindo a ser «experimentado» nas espécies que lhe estão biologicamente mais próximas. Torna-se fundamental a informação que o grupo transmite ao indivíduo através da «educação», sem a qual seria inevitavelmente aniquilado pelo meio ambiente. Deste facto deriva a importância vital da linguagem como veículo «informativo», sobrepondo-se a expressões naturais espontâneas, como momento paradigmaticamente «cultural». Encontramo-nos, com o Homem, no extremo oposto da outra grande linha evolutiva já apontada. Aqui, o indivíduo, ao nascer, não tem a mínima oportunidade de sobreviver nem de cumprir qualquer função; é um ser originariamente «não-aptos» que se vai tornar o mais apto dos seres.

dades semelhantes às que se levantam ao tentarmos recordar o dia em que nascemos. Sabemos somente que ele teve de existir (de contrário não estaríamos aqui a escrever...), mas nada mais! Apesar de tudo, esta experiência ainda pode ser parcialmente recuperável através do testemunho de pessoas que o poderiam ter presenciado, facto que é totalmente inviável quanto ao «nascimento» da consciência.

Aceitando deliberadamente todas estas limitações e perigos, tentemos, ainda assim, abrir caminho à reflexão.

Rodeados por um ambiente geográfico que lhes era profundamente hostil, com um leque de possibilidades de defesa altamente restrito, os grupos humanos mais primitivos poucas mais preocupações teriam — e já não seriam poucas... — do que não deixar baixar o nível de sobrevivência para além dos limites mais rudimentares. Inseridos num espaço à exacta escala do seu corpo⁷, limitados inevitavelmente pela linha do horizonte, mais dominados pela Natureza do que seus dominadores, não estaremos muito longe da verdade se reduzirmos o conjunto das suas necessidades principais à procura do alimento, à construção e defesa do local de abrigo e à manutenção do fogo protector. Marcados, conseqüentemente, por uma traumática experiência do quotidiano, vivido duma forma intensa e desgastante⁸,

⁷ O espaço constituído à exacta escala do corpo é aquele que se define em função dos nossos naturais meios de locomoção que, constitutivamente, se reduzem ao puro «caminhar»! Nas condições existentes, os limites da marcha não ultrapassariam, provavelmente, as escassas dezenas de quilómetros, pois tornava-se necessário o regresso ao local de abrigo. A libertação do espaço permitida pela tecnologia leva-nos a uma quase ubiquidade e é fortemente ampliadora dos nossos horizontes naturais e culturais.

⁸ O risco deveria ser uma constante quotidiana. Sem nenhum dos «amparos» artificiais permitidos pela ciência contemporânea, a doença e a morte constituíam-se em inimigos atentos da mais pequena quebra do equilíbrio orgânico. Tudo leva a crer que a taxa de mortalidade seria bastante elevada, uma vez que não havia ainda quaisquer armas a opor à mais elementar e brutal das «selecções naturais», onde impera a lei do mais forte.

parece lógico que esta vivência vá ocupar lugar de exclusivo relevo no conjunto das suas preocupações. Lógico é também que uma das mais prementes funções da consciência seja a de tentar encontrar as soluções mais práticas e viáveis para o repetido desafio do dia-a-dia. A construção duma arma mais resistente e mais funcional, dum arpão ou duma lança mais certa⁹, a montagem duma armadilha mais eficaz ou duma emboscada a um animal mais bem sucedida não constituirão a primeira e mais rudimentar das vitórias do Homem, aquela que vai permitir que outras consciências, outros homens consigam sobreviver mais e melhor, noutros tempos e noutros lugares?

A resposta da consciência à realidade e aos problemas por ela levantados é construída em termos de «funcionalidade», nos quais a eficácia se constitui uma espécie de critério de verdade, isto é, a «compreensão» que o Homem primitivo tem do Mundo, adapta-se e sobrepõe-se quase perfeitamente às «impressões» que dele recebe por uma via perceptiva e empírica. Todavia, no conjunto das experiências com as quais o Homem é naturalmente confrontado, algumas apresentam uma estrutura tão radicalmente inexplicável numa perspectiva meramente funcional, que é fácil apontarem para um estatuto misterioso e desconhecido. O germinar duma semente na Terra, a maternidade, a doença, a morte, o aparecimento e desaparecimento da caça, as catástrofes naturais e tantos outros elementos, erguem-se perante um espírito ainda mal desperto, com a sinistra máscara duma muralha intransponível, na aparência da «grande incógnita»!

As únicas atitudes possíveis perante aquilo que não compreendemos, reduzem-se ao medo, ao terror inexplicável dos Adamastores, só superável através duma análise lúcida e racional. Ora, como no caso que estamos a analisar, tal resposta apresenta-se como anacrónica e improvável, a

⁹ Será um mero acaso o facto de uma boa parte dos vestígios ligados a estes grupos humanos estarem directa ou indirectamente ligados à construção de armas (pontas de seta, machadas, «bastões de comando», arpões, etc.)?

solução de emergência consistirá em dar estatuto ôntico a esses medos e mistérios, hipostasiando-os ou mitificando-os. É o amanhecer das «cosmogonias», na submissão da consciência humana perante o «mistério» do real, confuso despartar dum «culto» originário!

Será somente coincidência o facto de uma das mais remotas manifestações de «religiosidade» estar ligada à veneração dos mortos e ao culto dos antepassados e, conseqüentemente, à importância do incompreensível problema do aniquilamento da vida. E, juntamente com este dado, não se sobrepõe a crença numa existência para além da morte, manifesto mais que evidente de tão dramático parâmetro da condição humana que é o da sua contingência e finitude? Não será um dos mais importantes «centros de força» de quase todas as religiões o darem uma resposta a esta questão fundamental?

Parece poder ser legítimo afirmar, a partir destes elementos e doutros que lhe são convergentes, que a atitude mais espontânea e «original» da consciência perante o mundo se projecta em termos «religiosos», no sentido mais lato que a esta expressão cabe, isto é, uma relação «Homem — Natureza (real dado) — Deuses», sem fronteiras demarcadas, constituindo um «todo» homogêneo que só através dum exercício «secundário» (segundo no tempo), poderá instituir espaços priverligiados pelo «sagrado»¹⁰, locais de culto, zonas de contacto mais íntimo entre o Homem e o inexplicável.

Julgamos, contudo, que estes «locais» não «des-sacralizam» todo o espaço que os rodeia, pois mais não são do que o ponto mítico e exemplar que consubstancializa em si as inúmeras e infinitas «presenças», os enigmáticos fantasmas da experiência quotidiana.

¹⁰ Esta manifestação de «sagrado» está intimamente ligada ao conceito de «hierofania», que implica o seu momento complementar no conceito de espaço «profano». Cf. in Eliade, Mircea, «O Sagrado e o Profano», LBL Enciclopédia, ed. Livros do Brasil, Lisboa, s/ data, págs. 19/30.

A partir deste momento é fácil erguer-se uma complexa teia de relações entre o Homem e as «divindades», sempre imbuídas dum receio por parte do primeiro, facto que poderá explicar o papel preponderante da oferenda e do sacrifício, instrumentos necessários para «aplar a ira dos Deuses», como seres melindrosos e desconfiados que são, talvez devido ao facto de o Homem neles projectar algumas das mais curiosas directrizes da sua tão «interessante» personalidade...

Dentro deste circunstancialismo, as relações do Homem com uma Natureza que se manifesta pelo imprevisto e pelo acaso¹¹, são ordenadas não em termos «teóricos» e científicos, que numa forma progressivamente amplificante nos vão libertando de certas contingências em relação ao Mundo, mas sim segundo um processo dentro do qual a consciência humana se introduz como pequeno elemento numa estrutura que não manipula nem controla, assumindo com toda a naturalidade e dentro da «encenação» construída um papel de quarta ordem, mais condizente com um ser cuja estrutura interna o tenha condenado a não emergir das trevas, do que com alguém capaz de vir a constituir e projectar livremente o seu destino.

A confirmar uma certa probabilidade deste dado interpretativo não se poderá apontar o reduzidíssimo número de vezes em que a figura humana é representada nos vestígios materiais deixados por esses grupos humanos? Não é a Natureza e, dentro dela, o animal, a caça, que mais vezes aparece representado, até por ser um elemento fundamental para a sobrevivência do grupo? E, nas raras vezes em que aparece a figura humana nesta fase inicial, não ocupa ela um papel secundário dentro do conjunto em que está inserida ou, como no caso das chamadas «Vénus pré-

¹¹ O «acaso» é equivalente à surpresa, ao inexplicável e incontrolável, identificando-se, consequentemente, com o «caos». Só através dum conhecimento pelas causas se poderá superar este aparente «descontrole» da Natureza, reduzindo a multiplicidade à unidade explicativa, geradora do «cosmos».

-históricas»¹², o que se pretende acentuar não será o «mistério» do nascimento da vida, da maternidade, para o qual a mulher é veículo e instrumento? Será gratuito o facto de estas estatuetas se apresentarem desprovidas de rosto, sem identidade pessoal, como meros joguetes da função que cumprem?

Como fecho desta primeira análise teremos, portanto, no binómio «Homem-Natureza», um predomínio desta sobre aquele, num «estar-no mundo» particularmente virado para a exclusiva sobrevivência mínima, com uma atitude «racionalizante» completamente submersa em elementos afectivos e sensíveis. Incapaz ainda de se libertar dos seus limitadíssimos horizontes, constitui uma «cosmovisão» à medida das necessidades, opacamente explicativa, profundamente singular e regional.

Nunca como então a razão foi mais coactada pelos dados empíricos e tão bem aceitou as suas regras de jogo. Porém, e por muito paradoxal que pareça, nunca uma «interpretação-visão» da realidade deverá ter sido tão intensamente válida e universalmente vivida por cada um dos homens, apesar da sua enorme contingência e facticidade.

Por agora, o «real dado» e a sistematização sobre ele projectada são, sem o saberem ainda, secretos cúmplices das mais rudimentares e enganadoras experiências sensíveis! E é este pacto, esta submissão aquilo que os olhos vêem e a mão alcança, que vai permitir — talvez pela primeira e última vez na História humana... — o estabelecimento duma plataforma de entendimento entre os homens e o mundo, na qual praticamente não há local para grandes desacordos ou fracturas. Creio, para além de todas as aparências, aliás mais que prováveis, sobre a dureza e violência da existência quotidiana destes grupos humanos, ser legítimo afirmar

¹² É o caso da «Vénus de Willendorf», presente no Museu de História Natural de Viena e da «Vénus de Lespugue» (Haute-Garonne) que se encontra no Museu do Homem em Paris. Cf. in Huyghe, René, «Sens et destin de l'art», 1.º vol., ed. Flammarion, Paris, 1967, págs. 43 e 49.

que estamos perante uma cultura «tranquila» em que não há ainda lugar para «crises». Só com a «revolução neolítica» e com o aparecimento da agricultura como elemento central de subsistência, alguns factores irão sofrer uma evolução que passaremos de seguida a analisar.

Mileto é, por enquanto, uma bruma indistinta no Futuro...

(Continua)

Levi Duarte Malho

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura (*Projecto de Investigação PL/1*)